

# EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

## *DISTANCE EDUCATION: A REFLECTION IN THE STUDENTS PERSPECTIVES*

Gustavo Andrade Abreu<sup>1</sup>, Nilton dos Santos Portugal<sup>2</sup>, Mariana Aranha de Souza<sup>3\*</sup>

<sup>1</sup> *Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional, Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha-MG, Brasil, [gustavo.abreu@unis.edu.br](mailto:gustavo.abreu@unis.edu.br)*

<sup>2</sup> *Doutor em Administração, Professor do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha-MG, Brasil, [nilton@unis.edu.br](mailto:nilton@unis.edu.br)*

<sup>3</sup> *Doutora em Educação, Professora do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha-MG, Brasil e Professora do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté, Taubaté-SP, Brasil, [profa.maaranha@gmail.com](mailto:profa.maaranha@gmail.com)*

\* *Autor de correspondência*

### Resumo

Este artigo busca compreender a percepção de estudantes matriculados em polos de Educação a Distância de um Centro Universitário quanto às contribuições desta modalidade de ensino para com sua realização e formação pessoal e profissional. De natureza qualitativa, esta pesquisa tem como participantes 70 alunos de polos em 16 cidades pertencentes à Região do Sul de Minas Gerais. Tem-se como instrumentos de coleta de dados um questionário online, elaborado na plataforma *Google Forms*, que foi enviado para os alunos de forma online, por meio do e-mail institucional e cujos resultados foram analisados por meio da técnica da Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram a importância do polo na realização do curso EAD, na formação profissional e com relação ao trabalho e emprego. Muitos respondentes citam a existência do polo em sua cidade como um fator facilitador e de praticidade para a realização do curso. Uma maioria relevante considera importante a modalidade EAD em relação a formação e ainda a citam como fator de transformação e gerador de conhecimento.

Palavras-chave: Educação a Distância. Formação pessoal e profissional.

### Abstract

*This article seeks to understand the perception of students enrolled in distance education centers of a University Center regarding the contributions of this teaching modality to their personal and professional development and development. Qualitative in nature, this research has 70 students from centers in 16 cities in the Southern Region of Minas Gerais as participants. An online questionnaire, prepared on the Google Forms platform, was used as data collection instruments, which was sent to students online, through institutional e-mail and whose results were analyzed using the technique of Content Analysis. The results pointed to the importance of the pole in the realization of the EAD course, in professional training and in relation to work and employment. Many respondents cite the existence of the center in their city as a facilitating factor and practicality for carrying out the course. A relevant majority considers the distance learning modality important in relation to training and still cite it as a transformation factor and knowledge generator.*

*Keywords: Distance Education. Personal and Professional Formation.*

©UNIS-MG. All rights reserved.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a temática da Educação a Distância no ensino superior. Tem por objetivo compreender quais são as percepções de estudantes de polos de Educação a Distância (EAD) de uma determinada IES na microrregião de Varginha-MG sobre possíveis contribuições oportunizadas pela modalidade para com sua realização pessoal e profissional. Para isso, apresenta-se uma caracterização do perfil sociodemográfico dos estudantes matriculados na EAD, bem como suas percepções sobre o curso, o polo e a modalidade de ensino, além de uma discussão conceitual sobre Educação a Distância.

É importante destacar que o tema Educação a Distância nunca esteve tão em alta. A pandemia do novo coronavírus ocasionou inúmeras transformações em vários setores da sociedade, sobretudo nos anos de 2020 e 2021. No Brasil, muitas escolas, universidades e diferentes instituições de ensino tiveram suas aulas suspensas por tempo indeterminado, o que as mobilizou para aderir à Educação a Distância ou mesmo ao modelo de aulas online, como alternativa emergencial para as atividades de ensino. Compreender como se estrutura esta modalidade, bem como suas potencialidades e limites na perspectiva dos estudantes se torna importante, justamente por possibilitar uma reflexão, tanto no que diz respeito à modalidade em si, quanto às suas possíveis adaptações, como é o caso do ensino emergencial remoto, por exemplo.

Nesse sentido, este texto apresenta uma discussão teórica sobre a Educação a Distância, seus princípios e seu histórico no Brasil, a metodologia adotada neste estudo, os resultados encontrados e as conclusões. Esperamos que ele contribua com os estudos sobre esta temática em um momento de intensa reflexão e adaptações da prática educativa nesta modalidade.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A Educação a Distância foi utilizada nos seus primórdios como recurso para superação de deficiências educacionais, seja para a qualificação profissional e aperfeiçoamento ou atualização de conhecimentos. Cada vez mais tem sido vista como uma modalidade de ensino alternativo, inclusive que pode complementar parte do ensino presencial. Souza *et al.* (2016, p. 2) acreditam que esta modalidade de ensino “pode vir a democratizar a educação [...] e se destacar como um ponto de transição (ou ruptura) entre o modelo educacional tradicional e o modelo de educação baseado em tecnologias da informação e comunicação”.

Faria *et al.* (2011), ao apresentarem um histórico da educação a Distância no Brasil, retomam os estudos de Moore (2002), em que afirma que a Educação a Distância sofreu uma grande evolução com o passar dos anos, iniciando pela comunicação em forma de texto, como a praticada pelo Instituto Universal Brasileiro, passando pelo uso da televisão e rádio como meios para as atividades de ensino, como o Telecurso 2000 (depois renomeado para Telecurso) produzidos pelo SESI em parceria com a TV Cultura até a criação das Universidades Abertas, e do uso de recursos de áudio e de videoconferência, seguida pela criação de processos de ensino e de aprendizagem de forma on-line, em classes e universidades virtuais, baseadas em recursos midiáticos, que utilizam as páginas web de formas variadas, com diferentes e variadas hospedagens e formas de configuração.

Souza *et al.* (2016, p. 2) afirmam que “É certo que a educação deste início de século, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, transformou a relação de ensino *versus*

aprendizagem e trouxe novos desafios aos educadores”. Para estes autores, ao incorporar estes desafios, próprios do cotidiano tecnológico em que vivemos, às atividades educativas, exige uma nova compreensão do contexto vivido por parte dos professores. Isso significa reconfigurar todo um sistema de crenças e valores, presentes na formação desses professores e em suas práticas educativas, o que, sem dúvida, é um trabalho extremamente árduo.

Sob esta perspectiva, é importante destacar o trabalho de Maia e Mattar (2007), que apontam a EAD como uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados fisicamente e que utilizam diversas e diferentes tecnologias de informação e comunicação para se “encontrarem” em um tempo e um espaço, nem sempre simultâneo (ou síncrono). Este “encontro”, seja por meio de videoaulas, discussões em fóruns ou chats, possibilita que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra, mediadas por “equipes multidisciplinares que pesquisem, experimentem, busquem conhecimento técnico e humano para se qualificarem como profissionais que venham a produzir cursos com alto grau de qualidade” (SATHLER, JOSGRILBERG, AZEVEDO, 2008, p. 12).

Considerando estas reconfigurações de tempo e de espaço, apontadas por Maia e Mattar (2007), Portugal *et al.* (2013), fundamentados também em Mill (2012), acreditam que, com o avanço das mídias digitais e principalmente ao acesso aos meios digitais e internet, torna-se possível o acesso a um grande número de informações, permitindo a interação e a colaboração entre todos os atores envolvidos nesse processo – alunos, tutores, professores, equipe de suporte, que podem ou não estar distantes geograficamente ou inseridos em contextos diferenciados.

Segundo Boccia, Terçariol, Trova (2018), a modalidade à distância exige que o aluno, que a escolhe, acabe por abandonar a passividade, se torne autônomo e ativo no encaminhamento do processo da construção de seu próprio conhecimento. Segundo eles, o aluno caminha para a autonomia quando tem maior grau de responsabilidade com relação ao seu aprendizado, ao cumprir as tarefas propostas, ao expor sua opinião e ter seu saber respeitado, permitindo a construção do conhecimento em diferentes ambientes. Para Grossi e Vital (2022), isso só é possível quando, também os professores que atuam nesta modalidade de ensino, compreendem e desenvolvem competências pedagógicas, tecnológicas e comunicativas, no exercício da docência.

Grossi e Vital (2022) propõem uma reflexão sobre o que é ser professor na EAD a partir de um levantamento bibliográfico de teses e dissertações defendidas no Brasil entre os anos de 2016 e 2020. As temáticas abordadas apontam sobre o importante papel do professor no processo de ensino e de aprendizagem e que, para ser desempenhado, precisa estar articulado às esses três eixos de competências (pedagógicas, tecnológicas e comunicativas), que se desdobram em outras catorze, relacionadas à: fluência digital, autonomia, reflexão, organização, comunicação, administração do tempo, trabalho em equipe, motivação, planejamento, relacionamento interpessoal, mediação pedagógica, dar e receber feedback, didática e gestão acadêmica.

Nesse sentido, a EAD se torna um espaço de ensino e aprendizagem em que professores e estudantes assumem um papel de protagonismo. Não estão em jogo apenas aspectos de ensino e aprendizagem de conteúdos, mas de competências e habilidades relacionadas à formação integral, tanto no aspecto pessoal quanto no aspecto profissional. Isso requer, sem dúvida, um movimento investigativo que compreenda como esses processos ocorrem e como podem ser melhor viabilizados nos diferentes contextos, sociais e acadêmicos, como este texto se propõe a trabalhar.

### **3 METODOLOGIA**

O estudo em questão, de abordagem qualitativa, foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o n.º 4.730.819 e teve como participantes 70 estudantes matriculados em diferentes cursos de graduação, na modalidade de Educação a Distância de um Centro Universitário da região do Sul de Minas Gerais.

Os estudantes foram submetidos a um questionário online, como instrumento para coleta de dados, com doze questões fechadas e seis abertas, cujo objetivo estava em compreender o seu perfil sociodemográfico, a percepção desses estudantes sobre a importância do curso e da modalidade de ensino para a sua formação, do quanto ele atinge suas expectativas e do quanto eles percebem a importância (ou não) do polo.

Os dados foram tratados segundo a técnica da Análise de Conteúdo, inspirada em Bardin (2011), o que demonstrou que os estudantes analisaram seu percurso formativo na Educação a Distância a partir de três elementos: (i) a formação em si; (ii) o polo EAD; e (iii) as transformações proporcionadas (ou não) pelo curso e/ou pela modalidade de ensino. Essas categorias foram definidas considerando os objetivos do questionário e as respostas dos estudantes.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos 70 estudantes da EAD participantes deste estudo, 33 declararam-se homens e 34 mulheres, o que indica quase um empate entre os sexos. Esta característica, por si só, já se difere bastante de inúmeros estudos sobre EAD nos últimos vinte anos, que mostravam um número maior de mulheres matriculadas (SEGENREICH, 2011, MAIA; MATTAR, 2007).

Outra característica importante da população aqui estudada se refere à idade dos participantes. Os estudos sobre a EAD indicavam um predomínio de idade superior aos 30 anos, com um discreto aumento para estudantes mais jovens. No estudo ora apresentado, há uma maior concentração de estudantes com idade entre 17 e 25 anos (19 respondentes), seguida da idade entre 31 e 35 anos (17 respondentes). 7 estudantes estão na faixa etária entre 26 e 30 anos, 41 e 45 anos e 46 e 50 anos, respectivamente, 5 possuem entre 56 e 60 anos, 4 entre 36 e 40 anos, 3 tem mais que 61 anos e um está na faixa etária entre 51 e 55 anos. Estudos de Litto e Formiga (2009) apontavam que no início dos anos 2000, grande parte das mulheres matriculadas em cursos EAD tinham mais de 30 anos. O último Censo Educacional (BRASIL, 2019) já aponta uma mudança nesse perfil: há aumento de matrículas de homens e de estudantes que já saem do Ensino Médio e procuram a modalidade para ingresso nos estudos.

A seguir são destacados três aspectos para esta análise: (i) a formação em si, realizada pelos estudantes na EAD; (ii) o polo EAD; e (iii) as transformações proporcionadas (ou não) pelo curso e/ou pela modalidade de ensino.

Com relação à **formação em si**, estão os aspectos ligados às contribuições do curso; à importância da EAD para a formação, e às principais dificuldades que tiveram ao longo da formação. Com relação aos **polos EAD**, são discutidas questões relacionadas à influência (ou não) do polo para se matricular no ensino superior e para a escolha do curso em EAD; à importância do Polo na formação profissional; à importância do Polo no Trabalho/Emprego; e à uma possível contribuição do Polo para com o desenvolvimento do município em que residem. Por fim, com relação às **transformações** proporcionadas (ou não) pelo curso e/ou pela modalidade de ensino são apresentadas as conclusões mencionadas pelos estudantes, a partir de suas experiências com a EAD.

#### 4.1 A formação realizada na EAD: percepções dos estudantes

Ao analisar a percepção dos estudantes sobre a formação realizada na EAD, é importante considerar que eles são oriundos de três **diferentes tipos de curso**: 12 estavam matriculados em curso de licenciatura, 29 em cursos de bacharelado e 19 em cursos na categoria tecnólogo. Esta compreensão orienta para uma análise que não está mais propensa a um tipo de curso do que para outro, por exemplo: mais de cursos de licenciatura do que de bacharelado, mas a um entendimento de um contexto geral da EAD.

Além disso, os estudantes advêm de diferentes cursos nesses três diferentes agrupamentos. Dos 12 alunos matriculados nos cursos da área da **Licenciatura**, seis estavam cursando Licenciatura em Pedagogia, dois, Licenciatura em Letras Português-Inglês, dois Licenciatura em Matemática, um, Licenciatura em Letras Português, e um, Licenciatura em Música. Dos 29 alunos matriculados em cursos de **Bacharelado**, oito estavam cursando o Bacharelado em Ciências Contábeis, seis, o Bacharelado em Administração, seis, o Bacharelado em Engenharia Civil, quatro o Bacharelado Educação Física, três, o Bacharelado em Sistema de Informação, um, o Bacharelado em Música e outro o Bacharelado em Publicidade e Propaganda. Por fim, dos 27 alunos matriculados em cursos **Tecnólogos**, dezenove estavam cursando Processos Gerenciais, três, Gestão de Recursos Humanos, dois, Gestão Financeira, dois, Logística, e um, Marketing.

Todos os estudantes foram convidados a apontarem três principais **contribuições que o curso oferece** aos alunos. Embora não tenham sido especificados os tipos contribuição (se específicas de determinado conjunto de disciplinas, ou conteúdos, ou se de um modo geral), 33 estudantes escreveram a palavra “conhecimento” como a principal contribuição do curso:

*Conhecimento (Estudantes 2, 3, 7, 9, 10, 12, 14, 15, 16, 21, 26, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 45, 48, 51, 52, 53, 56, 58, 60, 61, 63, 65 e 66).*

Destes, alguns estudantes explicaram a que tipo de conhecimento estavam se referindo, como pode ser observado nas narrativas dos estudantes 10, 12 e 32, descritas a seguir:

*Está abrindo meu conhecimento para a área (Estudante 10).*

*Ampliação do conhecimento da teoria musical (Estudante 12).*

*Conhecimento técnico importantíssimo (Estudante 32).*

Já os estudantes 15 e 45, por exemplo, mencionaram a palavra “conhecimento” como uma contribuição mais geral à sua própria formação, como pode-se observar a seguir:

*Agregar conhecimento a minha formação (Estudante 15).*

*Agregou mais conhecimentos (Estudante 45).*

Além da palavra “conhecimento”, termos como “aprendizado”, “oportunidades”, “empregabilidade”, “autonomia”, “desenvolvimento” e “disciplina” foram mencionados pelos estudantes com uma taxa de recorrência alta. Outras expressões foram apontadas com menor frequência, justamente por estarem diretamente relacionadas a questões específicas dos diferentes cursos. Todos os termos foram compilados na nuvem de palavras a seguir (Figura 1).

Ao observar a Figura 1, ainda é possível verificar expressões relacionadas à dimensões de (i) **desenvolvimento pessoal** (como “empoderamento”, “ética”, “dignidade”, “sair do comodismo”, “crescimento pessoal”, “flexibilidade”, “evolução”, “facilidade na comunicação”, “realização de um sonho” e “motivação”); (ii) **conhecimento acadêmico e/ou técnico** (como “melhoria no currículo”, “novos aprendizados”, “visão empresarial”, “didática”, “preparação”, “trabalhos em grupo”,

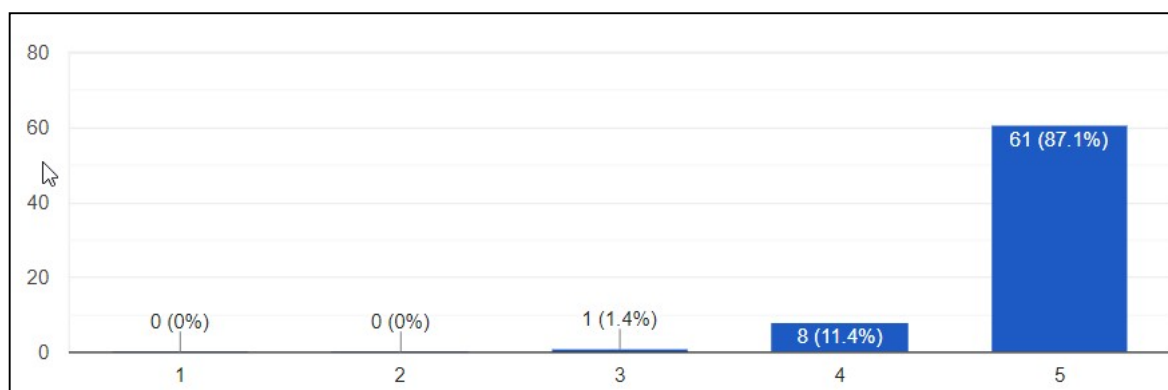
“ensino” e “capacitação”), e (iii) **oportunidades profissionais** (como “empregabilidade”, “oportunidades”, “reconhecimento no mercado”, “nova carreira”, “padrão de vida”, “aumento no salário” e “estabilidade profissional”).



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 1 – Nuvem de palavras sobre contribuições do curso para a formação

Quando questionados, em uma questão fechada, com escala de 1 a 5, sobre qual a **importância que a EAD oferece à sua formação**, 61 estudantes apontaram o grau máximo (5), 8 apontaram o grau 4 e apenas 1 estudante manteve-se neutro (Figura 2).



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 2 – Importância da EAD em relação à formação do estudante

Esses resultados mostram uma percepção positiva dos estudantes sobre o curso no formato EAD em relação à sua formação, o que se aproxima do que também apontam os estudos de Portugal *et al.* (2013) e Sathler, Josgrilberg e Azevedo (2008). Para esses autores, os estudantes de diferentes cursos EAD, quando questionados, registram uma avaliação positiva do curso, tanto para o seu desenvolvimento pessoal quanto para o seu desenvolvimento profissional.

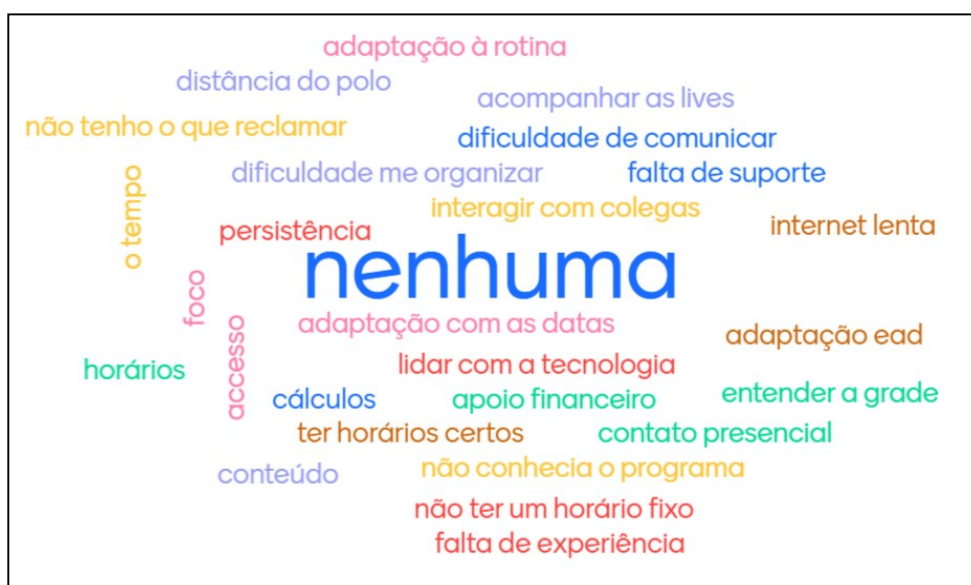
Outro questionamento realizado para os estudantes em relação ao curso e à modalidade EAD foi sobre as **principais dificuldades** que tiveram ao longo de sua formação. A palavra que mais apareceu foi “nenhuma”, presente na narrativa de 11 estudantes, como pode ser observado a seguir.

*Nenhuma (Estudantes 13, 15, 18, 24, 45, 58, 61, 62 e 68).*

*Ainda nenhuma, estou no começo do curso (Estudante 35).*

*Não encontrei dificuldades. A plataforma de estudo é muito objetiva, autoexplicativa (Estudante 19).*

No entanto, “internet lenta”, “foco”, “lidar com a tecnologia”, “adaptação com as datas”, “dificuldade de comunicação”, “ter horários certos”, foram termos que também apareceram nas respostas dos estudantes (Figura 3).



Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 3** – Nuvem de palavras sobre dificuldades com a EAD

Dada à organização metodológica dos cursos EAD, fortemente marcada pelo uso de tecnologias digitais de comunicação, um aspecto importante a ser investigado - e que está presente nas narrativas dos estudantes como uma dificuldade encontrada - é o **acesso a essas tecnologias**, tanto em relação à internet em si, quanto ao recurso didático utilizado. Essas questões podem ser observadas na Figura 3 em expressões como: “lidar com a tecnologia”, “acesso”, “adaptação EAD”, “falta de suporte”, “internet lenta” e “acompanhar as lives”, também descritas nas narrativas dos estudantes 46 e 70, a seguir:

*Distância de 18 km do Polo em Campos Gerais e triste realidade onde vivo, a internet que é bem difícil ao acesso, lenta e sempre cai (Estudante 46).*

*Acompanhar as lives (Estudante 70).*

As dificuldades relatadas pelos estudantes, ainda que em menor quantidade em relação ao total de participantes deste estudo, precisam ser analisadas com maior afinco pelas instituições de ensino que trabalham com a modalidade EAD para serem rapidamente sanadas, pois são condição *sine qua non* para a manutenção do estudante no curso e para o seu desenvolvimento acadêmico. O estudante, matriculado na EAD, precisa ter condições de acesso à tecnologia, conhecimento da

plataforma utilizada como ambiente de aprendizagem e conhecimento dos recursos didáticos, como já afirmava Moore (2002) e Mill (2012). Saber como “acompanhar as lives”, por exemplo, quer seja ao vivo, quer seja após sua realização, é um dos conhecimentos mais elementares que o estudante da EAD precisa saber.

No entanto, a dificuldade em “acompanhar as lives” pode também estar associada a um outro tipo de dificuldade mencionado pelos estudantes: o **tempo**. Na Figura 3 é possível verificar a presença de expressões como “o tempo”, “horários”, “foco”, “adaptação à rotina”, “adaptação com as datas”, “ter horários certos” e “não ter um horário fixo”, o que também pode ser observado nas narrativas dos estudantes 8, 10, 26, 42 e 48, a seguir:

*Horário para me desligar dos afazeres e me dedicar ao aprendizado (Estudante 8).*

*Organização da Rotina (Estudante 10).*

*Tempo para estudar (Estudante 26).*

*Administração do meu tempo de estudar (Estudante 42).*

*No início foi complicada a adaptação com as datas e a maneira de ensino, porém com o tempo acostumei e acredito não ter dificuldade atualmente (Estudante 48).*

Moore (2002) afirma que um elemento fundamental para a aprendizagem dos estudantes que cursam EAD está relacionado à sua autonomia, que também pode ser interpretada, em um dos aspectos, à sua capacidade de gerenciar o tempo e, conseqüentemente, se organizar para a progressão nos estudos. O depoimento dos estudantes, que aponta dificuldades justamente com essa organização, indica outro importante fator de atenção para as instituições de ensino: ensinar o gerenciamento do tempo e acompanhar o desenvolvimento da autonomia ao longo do processo formativo.

Por fim, os estudantes elencaram diferentes dificuldades, como “contato presencial”, “dificuldade de comunicar”, “distância do polo”, “entender a grade”, “não entender o programa” e “apoio financeiro”. Estes elementos podem ser agrupados em uma dificuldade em relação à **comunicação**: tanto com o polo (no caso apresentado, por estar distante), quanto com à coordenação do curso (referente à organização curricular, por exemplo), e com os demais colegas. Essas questões podem ser observadas nas narrativas dos estudantes 16 e 52, a seguir:

*Agora falta de comunicação, antes da pandemia era melhor tínhamos o corpo a corpo, apesar de já conhecer alguns tutores, professores etc. (Estudante 16).*

*Somente interagir com colegas (Estudante 52).*

Além das questões relacionadas ao curso e à satisfação com a modalidade EAD, ainda que presentes algumas dificuldades, os estudantes também refletiram sobre os Polos, no que diz respeito às contribuições com o percurso acadêmico e profissional e com o desenvolvimento da região, como analisado a seguir.

#### **4.2. Os Polos EAD: refletindo sobre sua contribuição no percurso acadêmico e profissional dos estudantes e no desenvolvimento regional**

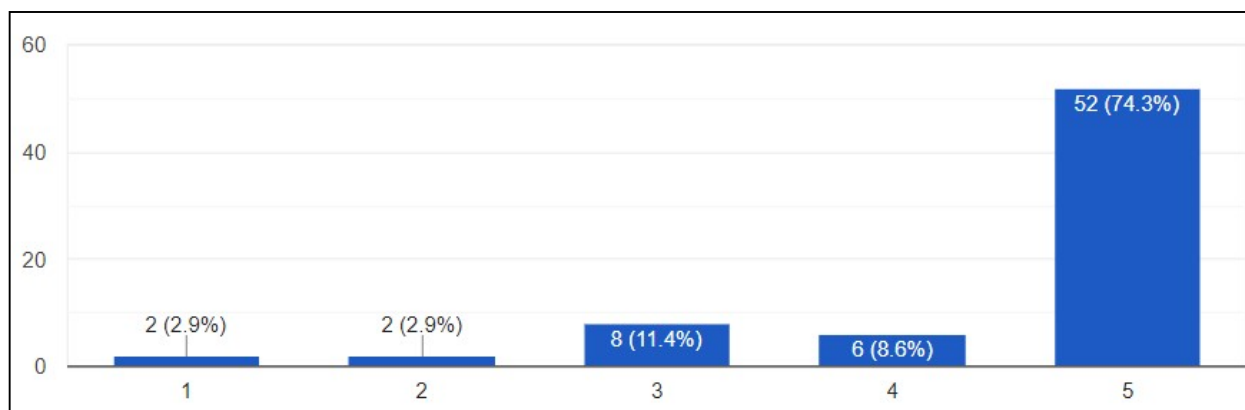
Os estudantes, participantes deste estudo, residem em 12 cidades diferentes na região do Sul de Minas Gerais. Dessas, apenas 7 possuem um polo EAD, cujas matrículas são proporcionais ao domicílio apontado. A cidade de Varginha possui o maior número de estudantes residentes (33) e o maior número de estudantes matriculados em um Polo (41). Três Pontas é o segundo município com o maior número de residentes (13) e o segundo em matrículas (11). Os demais municípios possuem um menor número de residentes e de matrículas. Elói Mendes, por exemplo,



possui 6 residentes e 8 matrículas, seguida de Três Corações, com 5 residentes e 4 matrículas e de Boa Esperança, com 3 residentes e 3 matrículas. Guapé possui 2 residentes e 2 matrículas e Campos Gerais nenhum residente e uma matrícula. Os demais municípios de residência dos estudantes não possuem polos, como Mirai (3 residentes), Córrego do Ouro, Nazareno, Lavras, Santana da Vargem e São Gonçalo do Sapucaí (1 cada um).

Estudar a dinâmica de funcionamento dos Polos EAD, como presença nos municípios, localização, estratégias de acolhimento e de acompanhamento dos estudantes, tem sido uma preocupação das instituições de ensino superior nos últimos vinte anos, como apontam os estudos de Segenreich (2011), Faria *et al* (2012) e Souza *et al* (2016), por exemplo. Procurando compreender essa questão, considerando o vivido entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia do covid-19, os estudantes foram questionados sobre uma situação hipotética: **caso não existisse um polo na cidade** ou proximidade em que moravam, se cursariam o ensino superior: 47,1% (33 respondentes) disseram que, independentemente da existência do polo, “sim”, cursariam o curso superior; 31,4% (22 alunos) responderam “talvez” e 21,4% (15 alunos), responderam que “não” ingressariam no ensino superior caso não existisse o polo na cidade ou nas proximidades em que vivem. Esses percentuais são interessantes para se refletir, pois apresentam um posicionamento dos estudantes sobre o fato de que a localização dos Polos pode não ser um fator determinante para a escolha do curso ou da modalidade EAD, ainda que importante.

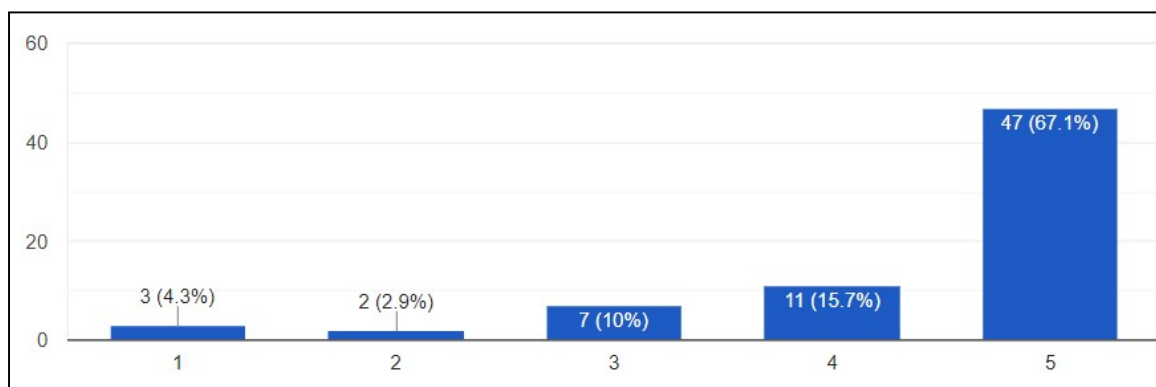
Por outro lado, quando questionados sobre a **importância do polo para a realização do curso EAD**, em uma escala de 1 a 5, em que 1 seria pouco importante e 5, muito importante, 74,3% dos estudantes (52) assinalaram a opção 5 e 8,6% (4), assinalaram a opção 4. 11,4% (8) mantiveram-se neutros, assinalando a opção 3 e 2,9% (2) assinalaram as opções 1 e 2, respectivamente (Figura 4).



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 4 – Importância do Polo para a realização do Curso EAD

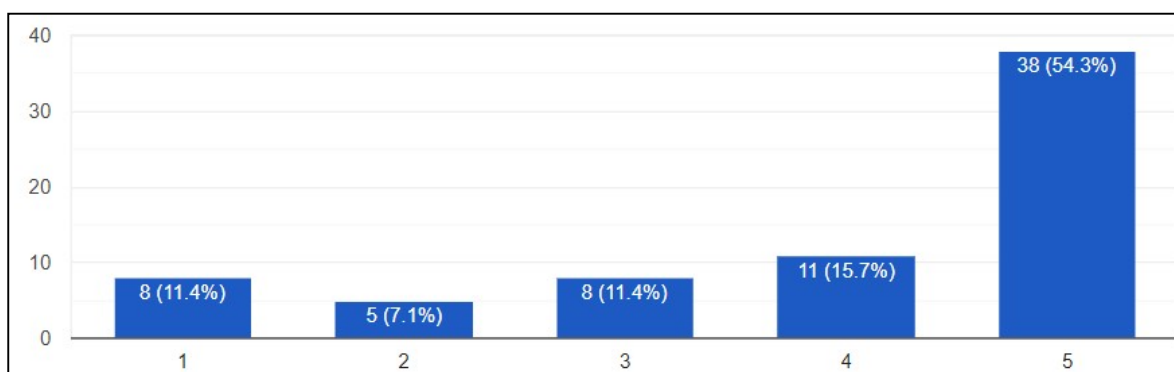
Comparando esses dois resultados, verifica-se que, ao mesmo tempo em que os estudantes dizem que o Polo EAD não seria um fator importante para a escolha por um curso superior, ele possui importância na realização do mesmo curso. A mesma avaliação positiva foi feita pelos estudantes, quando questionados sobre a **importância do polo na formação profissional**: 67,1% (47 respondentes) concordam totalmente que o polo exerça alguma importância na formação profissional e 15,7% (11) concordam parcialmente com essa afirmação. 10% dos alunos (7) mantiveram-se neutros, enquanto 4,3% (3) discordam totalmente e 2,9% (2) discordam parcialmente (Figura 5).



Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 5** – Importância do Polo na Formação Profissional

Já em relação à **importância do polo no emprego/trabalho**, os percentuais de concordância apresentaram uma variação na avaliação dos estudantes (Figura 6).



Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 6** – Importância do Polo no Trabalho/Emprego

Dos 70 participantes, 54,3% (38 alunos) concordam totalmente e 15,7% concordam parcialmente que o polo exerce importância em seus empregos/trabalho. 11,4% (8 alunos) mantiveram-se neutros, enquanto outros 11,4% (8) discordam totalmente e 7,1% (5 alunos) discordam parcialmente dessa importância. Esses dados sinalizam que talvez seja preciso fazer uma análise sobre as relações existentes entre os cursos dos alunos e as oportunidades de trabalho, considerando a localidade de residência dos estudantes e/ou de localização dos polos, quer seja nas atividades obrigatórias já existentes, como o estágio supervisionado, por exemplo, quer seja em atividades profissionais articuladas diretamente às disciplinas e/ou módulos de cada curso.

Quando questionados sobre as três principais contribuições do polo para a sua formação, os estudantes apontam palavras como “facilidade”, “praticidade” e “agilidade”, com uma taxa de recorrência maior, seguidas de: “confiabilidade”, “flexibilidade”, “proximidade”, “apoio”, “interação”, “tirar dúvidas” e “não fui ao polo” (Figura 7).



Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 7** – Nuvem de palavras sobre contribuições do polo para a formação

“Facilidade” foi uma palavra mencionada por 8 estudantes, “praticidade” por 5 e “agilidade” por 6:

*Facilidade (Estudantes 6, 15, 20, 26, 32, 33, 41 e 42).*

*Praticidade (Estudantes 7, 11, 21, 29, 65 e 68).*

*Agilidade (Estudantes 8, 25, 29, 43 e 48).*

Analisando as respostas dos estudantes, “facilidade”, “agilidade” e “praticidade” são comentários que se relacionaram ao Polo EAD em três aspectos: (i) acesso; (ii) didático-pedagógicos; e (iii) estrutura.

Acesso foi mencionado em expressões como “facilidade de acesso”, “local próximo”, “econômico”, “distância”, “atendimento rápido”, “relacionamento”, “suporte”, “resolver problemas”, “solução de dúvidas”, “proximidade”, “flexível” e “interação”. Indicam um apontamento de que o Polo é (ou precisa ser) acessível, tanto em relação à proximidade geográfica, quanto no relacionamento com os estudantes para resolver problemas de diferentes naturezas (administrativa, pedagógica, financeira e de suporte):

***Facilidade** em caso de precisar de documentação. E **facilidade** na hora de realizar provas, não precisar faltar o dia todo do trabalho por estar na minha cidade (Estudante 20).*

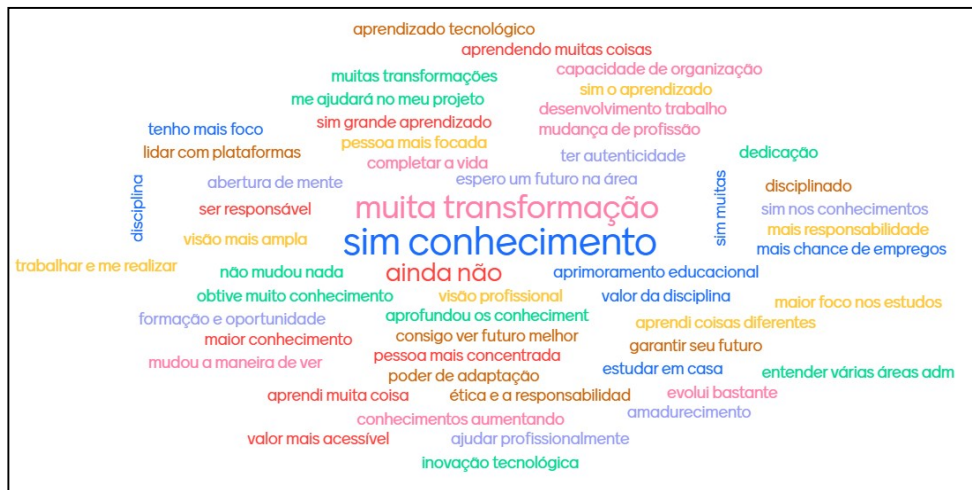
As dimensões didático-pedagógicas também foram mencionadas pelos estudantes, quando apontaram uma avaliação positiva do Polo em relação a “ensino de qualidade”, “dinamismo”, “professores bons”, “aprendizagem”, “tutoria”, “estratégias didáticas” e “conhecimento”. Já estrutura foi um item apontado em expressões como “polo bem estruturado”, “acesso ao AVA”, “acesso às provas” e “biblioteca virtual”.

Há ainda alguns estudantes que registraram que não frequentaram o Polo, o que pode ser comparado ao pequeno percentual de respostas anteriores (Figuras 4, 5 e 6) sobre as poucas contribuições do Polo na formação e na atuação profissional. Parte desta avaliação se deve ao fato de que os polos estiveram fechados durante os anos de 2020 e início de 2021, devido às exigências do órgão reguladores em função da pandemia do Covid-19. Como os alunos foram arguidos no ano de 2021, parte deles ainda não conhecia os polos presencialmente. Ainda assim, é preciso

considerar essas respostas para investigações posteriores, sobretudo no sentido de avaliar e comparar as contribuições, de fato, dos Polos EAD para o acolhimento e permanência dos estudantes no curso).

### 4.3. Sobre transformações: são ou não são proporcionadas pela EAD?

Por fim, os estudantes foram inquiridos **se houve transformação em suas vidas**, potencializadas pelo curso EAD (Figura 8).



Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 8** – Nuvem de palavras sobre transformação - curso EAD

É possível notar, em evidência, expressões, como: “Sim, conhecimento” e “muita transformação”. Apareceram também alguns comentários que “ainda não” perceberam a transformação da EAD em suas formações. “Conhecimento” aparece associado ao trabalho, às aprendizagens e à um possível alargamento na compreensão da realidade, que nem sempre é como se imagina:

*Sim, mais **conhecimento**, mais chance de empregos (Estudante 3).*

*Sim. **Conhecimentos**, aprendizado no meu dia a dia (Estudante 8).*

*Sim, obtive muito **conhecimento**, nem tudo é como queremos (Estudante 21).*

*Sim, meus **conhecimentos** estão aumentando muito e abrindo portas para meu trabalho (Estudante 28).*

Além disso, ao analisar as expressões contidas na Figura 8, percebe-se o “conhecimento” fortemente mencionado ao processo formativo como um todo, ao curso, de forma particular e a aprendizagem relacionada a habilidades relacionais: “obtive muito conhecimento”, “aprofundou os conhecimentos”, “aprendi coisas diferentes”, “aprendendo muitas coisas”, “aprendizado tecnológico”, “capacidade de organização”, “tenho mais foco”, “pessoa mais focada”, “abertura de mente”, “ser responsável”, “visão mais ampla”, “mudou a maneira de ver”, “poder de adaptação”, “ética e responsabilidade”, “amadurecimento”, “dedicação”, “disciplinado”, “mais responsabilidade” e “evolui bastante”. Essas menções, ao mesmo tempo que estão atreladas ao “conhecimento” adquirido ao longo do curso, também se relacionam a um processo de “transformação” pessoal, como pode ser observado nos excertos a seguir:

*Sim, uma **transformação** que na sua própria casa você pode garantir seu futuro em educação a distância (Estudante 26).*

*Sim. Quando iniciei o curso eu via a educação como somente ensinar as crianças, hoje vejo que é mais do que isso e fazer uma **transformação** através do conhecimento (Estudante 45).*

***Muita transformação** principalmente no trabalho, mais respeito (Estudante 49).*

***Muita transformação**, eu era uma pessoa sem horários e sem regras no meu tempo de descanso, hoje em dia todo dia tenho horários prescritos e consigo desenvolver melhor minhas atividades escolares e também cuidar da minha casa e trabalho (Estudante 52).*

Houve, ainda, expressões relacionadas às mudanças no âmbito do trabalho, como: “formação e oportunidade”, “visão profissional”, “consigo ver um futuro melhor”, “ajudar profissionalmente”, “mais chance de empregos”, “desenvolvimento do trabalho”, “mudança de emprego” e “garantir seu futuro”.

Estudantes que responderam “ainda não” ou “não” perceberam transformações no curso, ou não apresentaram justificativa ou a relacionaram à aquisição de conhecimento científico, como destacado a seguir:

*Ainda não (Estudante 51).*

*Não. Conhecimento científico apenas (Estudante 59).*

No entanto, o “conhecimento científico apenas” já é, por si só, uma transformação importante relacionada ao que se espera de um curso superior, quer seja na modalidade presencial, quer seja na Educação a Distância.

Nesse sentido, é possível observar que as avaliações dos estudantes em relação às possíveis transformações proporcionadas pela EAD estão relacionadas ao curso em si, quando apontam as dimensões do conhecimento, do alargamento de compreensão da realidade e da empregabilidade e à estrutura da modalidade, quando expressam aprendizagens relacionadas à tecnologia, à responsabilidade e organização, elementos essenciais que o estudante em EAD precisa desenvolver para acompanhar o curso, como já apontava Moore (2002), ao falar da Teoria da Distância Transacional).

## **APONTAMENTOS FINAIS**

A opção por estudar a Educação a Distância a partir das percepções dos estudantes matriculados nessa modalidade de ensino e em diferentes cursos (licenciatura, bacharelado e cursos superiores de tecnologia) pretendeu proporcionar uma reflexão sobre sua organização administrativa e pedagógica a partir do que esses estudantes pensam e avaliam seus cursos, os polos e a própria modalidade.

Um primeiro aspecto a ser pensado é sobre a pequena variação de sexo dos estudantes (52,9% de mulheres, 34 de 70 participantes). Há alguns anos, existia uma prevalência significativa de mulheres. Condição parecida ocorre com relação às idades: há uma concentração maior na faixa etária entre 18 e 25 anos, seguida de 31 a 35 anos.

Um segundo aspecto está relacionado com a avaliação dos estudantes para a sua formação: eles consideram o curso e a EAD como positivos, sobretudo pela flexibilização dos tempos e espaços. Interessante é que essas mesmas facilidades são apontadas como elementos dificultadores, sobretudo quando os estudantes revelam que precisaram de organização e disciplina em relação a esses mesmos tempos e espaços.

Um terceiro aspecto está relacionado com o polo EAD: os estudantes apontam a sua importância na realização do curso, na formação profissional e na relação com o trabalho, mencionando fatores como “flexibilidade”, “agilidade” e “facilidade” de acesso, de relações didático-pedagógicas e de suporte. Essas questões demonstram que a existência do polo na cidade de domicílio ou em uma cidade próxima é um fator facilitador e de praticidade para a realização do curso, como uma oportunidade àqueles que almejam estudar sem abandonar o trabalho, conciliando horário.

Por fim, um último aspecto está relacionado ao fato de grande parte dos estudantes afirmarem que a EAD proporciona transformações, relacionadas ao conhecimento (conceitual e atitudinal). De acordo com eles, o alargamento da compreensão da realidade, a aquisição de conhecimentos, de responsabilidade, ética e organização, por exemplo, possibilitam, também, oportunidades de novos empregos e de transformação na carreira e de transformação da própria vida.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCCIA, M. B.; TERÇARIOL, A. A. L.; TROVA, A.G. Estilos de aprendizagem na educação a distância. In: **Simpósio Internacional de Educação e Tecnologias** – CIET / Encontro de Pesquisadores de Educação a Distância – EnPED. São Carlos: UFSCAR, 26 jun. a 13 jul. 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019.

FARIA, A. A. *et al.* A história da Educação a distância no Brasil. **Anais do X Congresso Nacional de Educação – Educere – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação \_SIRSSE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5128\\_2836.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5128_2836.pdf). Acesso em 28 ago. 2020.

GROSSI, M.G.R.; VITAL, F.H. As pesquisas brasileiras e as competências necessárias à prática pedagógica de professores que atuam na EAD. **RBAAD – Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. V. 21. N. 1. p 1-23. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/611>. Acesso em: 05 ago. 2022.

LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.) **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EaD** – a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MILL, D. **Docência virtual: uma visão crítica**. Campinas: Papyrus. 2012.

MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. São Paulo, ago. 2002.

PORTUGAL, N. S. *et al.* Educação a Distância: valores que norteiam a escolha. **Revista Gestão Organizacional**. Chapecó, v. 6, n. 1, p. 93-104, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1830>.

SATHLER, L.; JOSGRILBERG, F.; AZEVEDO, A. B. de. **Educação a distância** – uma trajetória colaborativa. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

SEGENREICH, S. C. D. Ead no Sistema de Educação Superior: questões para a agenda 2011-2020. **Anais – ANPED**. 2011. (Em CDROM).

SOUZA, W. G. *et al.* Uma análise crítica sobre as políticas públicas para Educação a Distância. **Anais do Congresso ABED**, 2016. p. 2-8. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2016/trabalhos/278.pdf>. Acesso em 11 set. 2020